

VITTORIO BERGO

ASPECTOS LÓGICOS, ANALÓGICOS E ESTILÍSTICOS

DA TRANSITIVIDADE VERBAL

(Tese destinada a concurso para preenchimento
de uma cadeira de Português do Colégio Pedro II)

Rio de Janeiro

1954

P R E F Á C I O

O domínio da regência, embora assídua e intensamente freqüentada pelos estudiosos da língua, apresenta ainda hoje amáveis atrativos e - podemos acrescentar - mantém solenes desafios a quem o queira penetrar.

Haverá problemas históricos, que a história já não resolverá, como alguns casos ditos de cruzamento sintático, em que o objeto direto assume feição de indireto. Não é provável que se desentranhem dos arquivos documentos pelos quais se comprove, com rigor científico e em cotejo de estruturas, que puxar da espada esteja por puxar a espada da bainha, mas não serão despiciendas hipóteses - hipóteses e não demonstrações - como a de que a idéia de lugar, no caso bainha, haja remanescido na preposição de, que se teria deslocado para reger o objeto direto a fim de compensar a omissão do adjunto adverbial.

Cabe agora à moderna estilística esclarecer, à luz da psicologia, problemas desta natureza, que se vão multiplicando com o evolver da língua. Nem seria lícito esperar se imobilizassem nesta altura os meios de expressão, quando ao crescente desenvolvimento da cultura científica corresponde logicamente o aprimoramento e valorização das línguas.

Não nos parece louvável o empenho que põem muitos no combate à gramática, numa campanha indiscriminada ao que realizaram os antepassados, a quem se deve a codificação, em nosso proveito, das normas clássicas de expressão. A gramática é base necessária à manutenção da unidade e, conseqüentemente, à preservação da língua, cuja integridade e até existência estariam em risco se se não atalhassem acaso as hesitações e os desvios dos que caminham sem roteiro.

O que impende, pois, não é suprimir a gramática, mas modernizá-la, harmonizando-a com as novas conquistas da ciência, de modo que ela se venha a tornar, efetivamente, elemento disciplinador mas não coator do exercício da linguagem.

É tempo, porém, de dizer algo dêste trabalho, em cujos objetivos se reflete a sua despretenção.

Parecerá ao primeiro relance que estamos repisando caminho assaz trilhado. Mas quem sabe se não contribuiremos para acamar e comprimir alguma pedra ainda solta em estrada de tão intenso tráfego? Também as

grandes vias de comunicação contínua exigem, para servir, os cuidados da conserva permanente... Tracem os engenheiros os seus planos e projetos; ajudem-nos, porém, os operários na execução da tarefa...

Tratando de ASPECTOS LÓGICOS, ANALÓGICOS E ESTILÍSTICOS DA TRANSITIVIDADE VERBAL, partimos do verbo intransitivo para o bitransitivo. Não temos em mira, todavia, deter-nos em todos os pontos, que só continhamos para, em exposição tanto quanto possível metódica, realçar os fatos que mais interêsse nos despertaram no estudo de alguns autores da literatura moderna - não modernista.

Ver-se-á que damos preferência a Camilo Castelo Branco e a Machado de Assis, o que se explica pela posição peculiar da sua linguagem, entre o dizer trabalhado dos escritores clássicos e a fala despreocupada dos homens do povo. Isto não quer dizer se tenham por inoportunas outras figuras da nossa história literária, as quais a seu tempo aparecem com freqüência.

Poder-se-ia observar que os aspectos que focamos não se dispõem aqui rigorosamente distribuídos, como pode sugerir o título. Não houvíamos por bem fazê-lo, entretanto, e de propósito os estreitamos em alguns tópicos, pois entendemos que eles se devem examinar, tanto quanto possível, em sua como complexa unidade. E o ideal será, como ficou dito, conciliar a gramática e a estilística, porque uma e outra se completam no esclarecimento dos fatos da linguagem.

Embora não tenhamos a presunção de solucionar pendências, o que seria impossível em face da limitação do tempo, do espaço e de outros elementos necessários, procuramos dar certa ordem ao estudo dos verbos pronominais, à parte as variadas funções da partícula se, inclusive como elemento apassivante, limitando-nos a tocar pontos que, à luz dos exemplos autorizados, parecem omissos ou menos penetrados.

Lamentamos não ter ido mais longe no exame e classificação dos verbos propriamente pronominais, porque a seu respeito lavra ainda certa confusão. Basta lembrar que autores de prol confundem, na mesma ordem de considerações, verbos ativos e de estado, intransitivos e transitivos, o que invalida de antemão qualquer esforço, não só no sentido do esclarecimento dos fenômenos históricos ou psíquicos que tenham determinado o fenômeno, mas também no sentido da sistematização, tão desejável em estudos desta natureza.

Enfim, aí está mais uma pedra. Não podemos antecipar se ela será removida, como pedra de tropêço, ou se terá a sorte de ser recolhida por mãos obreiras, para ter lugar, porventura, em construção moderna.

Caberá a outros desfazer a alternativa...

Rio, 10 de julho de 1954.

I. TRANSITIVAÇÃO E INTRANSITIVAÇÃO

1. Quando uma ação atribuída ao sujeito se realiza em sua plenitude, independente da interferência de qualquer ser estranho, natural é que se expresse por meio de um verbo intransitivo. Exemplifique-se o fato com o verbo respirar em:

O animal respira.

É de notar que na estrutura íntima dêste verbo, como na dos seus cognatos aspirar, expirar, suspirar, conspirar, transpirar e outros, está latente a idéia de ar, gás, vapor, do radical latino -spir-.

2. O conceito de ar é, todavia, susceptível de modificar-se, segundo situações especiais, donde a variedade de adjetivação: ar puro, ar impuro, ar perfumado... Ora, para se exprimirem no predicado essas idéias complementares, forçoso é que se exteriorize o objeto latente, a fim de que a êle se junte o competente qualificativo: respirar ar puro, aspirar gás carbônico. (1)

Dessas construções figuradas, em que se externa pleonasticamente o objeto latente, fácil é passar-se, pela generalização, à freqüência do torneio transitivo, no qual nem sempre se adstringe a significação do núcleo objetivo à que se encerra no radical verbal: respirar pó, transpirar suor etc. Exs.:

O homem viu-vos ontem, e apareceu aqui a transpirar bagas de suor e de espanto. (Camilo, Livro Negro, 170) (6)

Quem andou pelos campos vivendo vida solta de soldado, quem viu a fortuna sorrir ao covarde... não pode aos trinta anos coroar-se de lírios e de rosas..." (Latino Coelho, Cervantes, 78).

O conde de Gondar viveu dez anos a mais ditosa existência de velho. (Camilo, Brilhantes, 210)

Dormi pouco, uns vinte minutos, apenas o bastante para sonhar que tôdas as crianças dêste mundo, com carga ou sem ela, faziam um grande círculo em volta de

mim, e danzavam uma dança tão alegre que quase estourei de riso. (M. de Assis, Memorial, 136)

Ó Tejo, quanto me é grata

Essa plácida corrente,

Quando a lua se retrata,

Chovendo chuva de raios,

No teu chão de lisa prata!

(G. Dias, Poesias, II, 292)

Eu pelejei uma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. (A. P. Figueiredo, II Ep. S. Paulo a Timóteo, IV:7)

As andorinhas chilreavam em redor da cornija da igreja, e, esvoaçando-se por longos círculos, cortavam de notas embaladas pelas ondas da luz o grande hino, que na terra se completa com as lágrimas dos que podem chorá-las de gratidão à divina providência. (Camilo, Novelas, I, 117)

E note-se que até sem qualificativo aparece o objeto cognato, num emprêgo que visa, entretanto, a ênfatizar a idéia:

...eu derramarei do meu Espírito sôbre tôda a carne, e profetizarão vossos filhos, e vossas filhas, e os vossos mancebos verão visões, e os vossos anciãos sonharão sonhos." (A. P. Figueiredo, Atos dos Apóstolos, II:17)

3. Além dos casos normais de evolução semântica, é a metáfora outro fator ponderável de transitivity, o que tanto se pode atestar na doce sugestão da ternura lírica como na veemente expansão do estilo dramático. Exs.:

Como são belos os dias

Do Despontar da existência!

--Respira a alma inocência

Como perfumes a flor."

(Casimiro de Abreu, Primaveras, 25)

Saulo, pois, respirando ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, se apresentou ao príncipe dos sacerdotes." (A. P. Figueiredo, Atos dos Apóstolos, IX:1)

Digna de nota é a intensidade afetiva que logra a narração com o emprêgo dêste verbo, já que o ódio do obstinado perseguidor dos cristãos aí se evidencia tão essencial à sua vida espiritual como o próprio ar à sua vida física.

4. Discorrendo acêrca da preferência que votam aos verbos intransitivos certos poetas que têm o gôsto da poesia pictórica, assim se manifesta um estudioso da estilística portuguesa:

Mas os escritores não se satisfazem com êsse lacerismo, próprio dos homens apressados, e sentem por vezes prazer na operação inversa: revestir de complemento os verbos intransitivos, para tornar mais evidente, mais forte e colorida a ação. Esta transitivização dos verbos é própria da poesia modernista. Diz um filólogo que estudou êste processo nos poetas simbolistas: "Uma poesia que aceita tôda a espécie de secretas influências operante nos fenômenos deve expandir ao máximo a fôrça transitiva dos verbos; florir, dormir, morrer, chover são para os simbolistas verbos referentes não apenas ao sujeito, mas verbos de ação que implicam modificações do mundo exterior." Vê-se isso perfeitamente dêstes versos de Fernando Pessoa:

Sento-me ao pé dos séculos perdidos ...
cismo o seu perfil de inércia e vôo...
Eu já não sou quem era;
o que eu sonhei, morri-o.
O outono mora mágoas nos outeiros.

(M. Rodrigues Lapa, Estilística, 187)

A observação é interessante. Parece-nos, todavia, que se deve caracterizar a expressão: ...os escritores modernistas não se satisfazem... Denais, como se vai ver, não há no caso processo preferível, pois o temperamento, o assunto e as circunstâncias é que determinam em geral essas operações do espírito.

5. Se a ação atribuída ao sujeito não se realiza, de modo pleno, sem a participação mediata ou imediata de outro ser, também é natural que se expresse ela por meio de um verbo transitivo, do qual é objeto o ser oposto ao sujeito. Êste objeto se chama direto quando se subordina apenas pela posição, ou pelo sentido, e indireto quando se associa por preposição essencial ao sentido. Exs.:

Todos amam a beleza.

Nem todos gostam da simplicidade.

6. Assim como, em determinadas situações, se pode atribuir objeto ao verbo intransitivo, também em circunstâncias especiais se costuma calar o complemento do verbo transitivo. É o que ocorre, por exemplo, com o verbo adorar no seguinte passo:

Nossos pais adoraram sôbre este monte, e vós outros dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.

(A. P. Figueiredo, São João, IV:20)

Já se comentou oportunamente que a omissão do objeto é, aí, perfeitamente explicável, graças ao caráter monoteístico do Judaísmo e do Cristianismo, o qual impede se admita como objeto da adoração qualquer ser que não a pessoa de Jeová ou Deus. (3)

7. Outras vezes, o que se requer do verbo, ainda que transitivo, é que exprima, tão somente, a capacidade do sujeito e, neste caso, deixa de interessar a evidência do objeto a que tem jus. Exs.:

A mulher, quando ama, tem heroísmos e abnegações.
(Camilo, Novelas, III, 80)

Quando Deus quer, até água fria cura. (Provérbio)

8. Comum é, em casos semelhantes, empregar-se o verbo intransitivo para exprimir antes um atributo do que uma ação, com o que passa a equivaler, semânticamente, a um adjetivo que lhe seja cognato e ligado ao sujeito pelo verbo relacional ser: o menino estuda = é estudioso; aquele homem não vê = não é vidente.

9. Às vezes importa ao espírito a essência da ação em si mesma, sem que se precisem entretanto os termos em que ela se consome, fato que não impede se sintam ou avaliem as conseqüências que dela resultam inelutavelmente. É o caso que aqui se exemplifica:

Esta luta da piedade com a crueldade nos dá uma visão celeste do espetáculo tenebroso da guerra..... Onde uma lacera, sangra e trucida, a outra alivia, estanca e sara. (Rui Barbosa, Conferência de Petrópolis) (4)

Aliás, êsse cunho de generalidade, tão familiar à linguagem do povo, caracteriza o predicado de não poucos provérbios e ditos populares, entre os quais os seguintes:

De hora em hora Deus melhora.

Mais vale prevenir que remediar.

O homem põe e Deus dispõe.

Pior cego é o que não quer ver.

Quem cala consente.

Quem desdenha quer comprar.

Quem não arrisca não petisca.

Quem não deve não teme.

Quem procura acha.

Ainda Rodrigues Lapa observa que há

Emprego transitivo
(Lapa, 197)

neste século apressado certa tendência para subentender o objeto direto, principalmente na linguagem dos negócios, em que importa sobretudo a ação. Quando o merceeiro nos diz: --"Mandamos a casa", já sabemos de que se trata: que re significar que manda os gêneros ao nosso domicílio. Quando um pintor faz anunciar "que expõe na Galeria Bobone", já sabemos "que expõe os seus quadros com intenção de os vender." É por êste motivo que alguém já disse que a abundância dos verbos intransitivos é um indício de civilização, por trazerem subentendidos dentro de si todos os elementos que definem a ação, sem precisarem de complemento. Se o intransitivo se basta a si mesmo, é porque tem mais poder de sugestão e mais energia expressiva. Os transitivos não possuem o seu colorido, a sua capacidade caracterizadora." (5)

ver Lapa
(Lapa, 197)

A observação tem cabida, embora reclame restrições a apreciação do autor quanto à superexcelência do verbo intransitivo, aliás em confronto com a que fez a propósito do transitivo e em lugar próprio se transcreveu (nº 4). O fato é que a quem tem de exprimir-se ocorrem sem artifício, segundo as circunstâncias, os justos motivos de opção entre uma e outra modalidade de regência, sem que se possa antecipar, em teoria, qual a mais recomendável.

III. O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS TRANSITIVOS

III. O verbo transitivo é dotado de complemento que designa o paciente da ação exercida pelo sujeito. Ora, se o paciente dessa ação é o mesmo que a executa, o que quer dizer que a voz é reflexa, nada mais natural que ele se exprima por meio do pronome reflexivo.

Entre os verbos que exemplificam bem este fato geral estão os que exprimem movimentos corporais, como os seguintes:

Tem vossa excelência coragem de assentar-se num jumentinho? (Camilo, Bruxa, 222)

Este... ordenou-lhe que se ajoelhasse, e lhe pedisse perdão, que ia morrer. (Idem, Demônio, I, 73)

Depois apontou-lhe com império para casa, trojeitando o movimento de baixar-se para o apedrejar. (Idem, ibidem, 48)

...Vasconcelos pensava que ele se doitaria outra vez no seu pó. (Herculano, Composições, 99)

Respondeu o escudeiro, inclinando-se com a bengala e o chapéu do abade ainda nas mãos. (Rebôlo da Silva, Mocidade, II, 74) (6)

Depois, voltando-se para o abade, disse... (Herculano, Bôbo, 118) (6)

Levanta-to cedinho para vires almoçar. (Camilo, Demônio, I, 39)

Sentou-se padre Bento na enxêrga, esfregando os olhos, que a brilhante claridade do sol parecia ofender-lhe. (Idem, ibidem, 151)

II. Casos há, todavia, em que o verbo transitivo, usado reflexivamente, tende a intransitivar-se com a perda do pronome objetivo, graças à circunstância de empregar-se raramente com objeto não reflexivo.
Ex.:

Não tomas, nem se dosanime o teu coração. (A. P. Figueiredo, Isaias, VII:4)

Não desanime. A prima há de ceder, porque não pode encontrar melhor marido do que o senhor..." (M. de Assis, Histórias Românticas, 149)

A pouco e pouco o sentido de ouvir foi-se despertando. (Santos Valente, Dicionário)

Os portugueses tinham despertado do longo letargo em que jaziam. (Constâncio, Dicionário)

Em tôda a roda se rejubilavam prefigurando-a. (Euclides, Sertões, 227) (6)

Os místicos rejubilam quando enumeram os diagnósticos e prognósticos das três vias do espírito. (Camilo, Bruxa, 189)

Aqui me tendes; e se, para vossa quietação, serv a minha morte, matai-me e sossegai-vos. (Herculano, Composições, 98)

Ora, pois, sossega e não chores. (Idem, Lendas, II, 156)

Cansa-se a gente a desbravar maninhos. (Candido de Figueiredo, ap. Stringari)

Fui eu que cansei primeiro. (M. de Assis, D. Casmurro, 283)

--As meninas que em tais condições se casam, não tem as mães, abade. (Camilo, Novelas, I, 42)

Casou ela livremente? (Idem, ibidem, 42)

12. Outro tanto se dá quando a ação deixa de incidir em uma coisa para incidir na própria pessoa do agente. Assim é que, embora conhecido transitivo, na linguagem corrente, o verbo embarcar, em frases como ela embarca (ou desembarca) suas mercadorias, a tendência é dizer-se ela embarcou (ou desembarcou), intransitivamente, em vez de ele embarcou-se (ou desembarcou-se). É que ao espírito deixa de afigurar-se o contraste alguém embarcou (ou desembarcou) outrem X alguém embarcou (ou desembarcou) a si mesmo. Fato semelhante sucede com apear, que, como o precedente, raramente tem por paciente pessoa ou coisa estranha ao sujeito. Exs.:

Passou a bordo de uma galera, que o desembarcou no Rio de Janeiro. (Camilo, Coração, 100) (6)

Provavelmente, depois da sua soltura, o nosso autor recebeu a insinuação de se embarcar para o Brasil. (Herculano, Composições, 156)

Apenas o truão viu desembarcar os dois frades, correu para frei Francisco... (Idem, Monge, I, 91)

E nós embarcamos na liteira, cuja comodidade já me ia parecendo uma coisa problemática. (Camilo, Vinte Horas, 157)

Apeai-o com jeito. (Garrett, Arco de Sant'Ana, 226)
(6)

--Não importa, disse-me José Dias; podemos apear-nos à porta do Passeio Público. (M. de Assis, D. Casimiro, 78)

Quando esta, ao outro dia, apeou no pátio, saiu-lhe à portaria a regente... (Camilo, Estrêlas, 226) (7)

15. Certos verbos de formação parassintética, em que concorre com o prefixo en- (in-), ou outro, o sufixo incoativo -ecer, embora em geral habitualmente como transitivos (factitivos), também se usam incoativamente com sentido passivo. Assim é que se diz: a doença empalidece a pessoa (torna-a pálida) e, também, a pessoa empalidece (fica pálida). Ex.:

O primeiro, objetando à eleição, não desmerecia o valor do eleito. (Rui, Réplica, n. 25)

Se eu desmereci aos meus próprios olhos, autorizei todo o mundo a considerar-me aviltada... (Camilo, Brihantes, 150)

...o pavor de uma enfermidade atroz assalteia o teu ânimo quebrado, e te empalidece o rosto. (Idem, Bem Jesus, 117) (6)

Nisto chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado.... (M. de Assis, Páginas Recolhidas, 16)

Endoudecê-lo-iam com impertinentes consolações. (Herculano, Monge, II, 229)

A infeliz acho que endoudeceu. (Camilo, Romance, 198)
(6)

...a raiva enlouqueceu o cavaleiro. (Rebêlo da Silva, Contos e Lendas, 92) (8)

Ora essa! Tu enlouqueceste? (Camilo, Esqueleto, 114)
(6)

O mar, que na paz nos enriquece, na guerra nos ameaça. (Rui, Cartas de Inglaterra, 248)

Os agentes da companhia enriqueciam, roubando-a e dilacerando os indígenas. (Camilo, Demônio, I, 93)

...a paixão o ensandecera. (Camilo, Romance, 156) (6)

Dizem que ensandeceu, e que não sabe como Perdeu a sua môsca azul.

(M. de Assis, Poesias Completas)

III. Mas existem ainda muitos outros verbos que, divergindo morfológicamente dos supracitados, com êles se identificam quanto à facti-
vidade ou a reflexividade e, conseqüentemente, quanto à sintaxe, do
que são exemplos os seguintes:

...ouvira à titi (uma oração) para amansar as vagas iradas. (Eça, Relíquia, 88) (6)

Casa, que tu amansarás... - dizia o cego. (Camilo, Novelas, III, 157)

Se Deus te cegasse, ainda assim, esperaríamos que a mão da justiça nos fôsse também a mão da misericórdia. (Idem, Vingança, 45) (6)

Cegou aos trinta e três anos de idade. (Idem, Demônio, I, 32)

A graça do mundo.... desbota as flores; a de Deus, refloresce-as. (Idem, Romance, 130) (8)

Luísa, ao invés das camponesas bonitas que tempo-
rariamente desbotam e se desaformoseiam, conservava-se ro-
busta, sadia e ainda frescaça. (Idem, Demônio, I, 142)

(O veneno) rápido circula, deteriorando o sangue e buindo a pele. (Luís Murat, Ondas, 85) (6)

A idéia se enriquece ao passo que o músculo dete-
riora. (Camilo, Brilhantes, 32)

III. O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS INTRANSITIVOS

15. Ao invés do que sucede a transitivos, que se destituem do reflexivo que logicamente lhes compete nos casos em que a ação só incide na pessoa do sujeito, intransitivos há que, por analogia, certos, com sinônimos transitivos, assumem anômala a forma reflexiva, e de tal arte que êrro se consideraria a sua construção sem o aparente complemento objetivo. Detenhamo-nos na apreciação do fato.

Arrepende-se (= aborrecer-se, magoar-se, entristecer-se por fal^(Bruc., 328)ta cometida), pronominalizado talvez por influência dêsses sinônimos, dispensa objeto porque ninguém pode arrepende outrem, nem o verbo se^(Ferreira, 12) encerra em acepção factitiva. O mesmo se pode dizer, mutatis mutandis, de atirar-se, ater-se, atrever-se, dignar-se, dedignar-se, esforçar-se, desforçar-se, queixar-se, suicidar-se, ufanar-se e alguns outros, que, por sua vez influenciados por equivalentes semânticos do tipo de, respectivamente, privar-se, prender-se, atirar-se, comprazer-se, desonrar-se, apreender-se, consumir-se, lamentar-se, matar-se, orgulhar-se ou outros que tais não se vêem na linguagem atual senão em frases de feição reflexiva.

De alguns dêles se sabe que foram em sua origem transitivos, o que explica historicamente a construção com a partícula se.

Segundo Bourciez,

On disait déjà dans la langue classique abstiner ou abstinere se, erumpere ou erumpere se "s'élancer" (ad bellum se erumpit, Cic. ep. ad fam. 8, 14, 2); peu à peu, dans l'usage populaire, pour indiquer d'une façon plus intensive la part que le sujet prend à l'action, beaucoup de verbes se sont ainsi construits, notamment des verbes de mouvement: Surrexisse se Deos (Arn. 5, 18); vadent se unusquisque (Peregr. 25, 7). (Éléments de Linguistique Romane, pág. 109).

Andrés Bello e Rufino J. Cuervo também observam:

Así atreverse, que en el día no se emplea sino como verbo reflejo, se usó hasta el siglo XVII como verdaderamente activo, significando alzar, levantar,

y por una fácil transición, animar, alentar, dar valor ó osadía.

.....
Hoy verás que Dios
Soberbias confunde,
Que al ciclo atrevían
Locas pesadumbres. (Tirso)

(Gramática de la Lengua Castellana, 200)

Curvo acrescenta, em nota 101, pág. 95, que

El uso de atrever con acusativo oblicuo no fue conocido en castellano antiguo ni aparece sino á fines del siglo XVI y principios del siguiente. Fúndase en la analogía de los verbos comunes que admiten la construcción refleja, como si se arguyera así: moverse presupone mover, luego atreverse, atrever. Lo mismo se observa en abstenerse, pues que Fr. Luís de Granada dijo: "Abstenga sus ojos de mirar," igualando este verbo á contener. Podrían citarse otros ejemplos parecidos. (Obra citada).

Na Gramática da Real Academia Espanhola consigna-se:

...algunos de estos verbos, como jactarse y atreverse, son transitivos en latín y como tales los vemos usados alguna vez en nuestros clásicos. Así leemos en Ruiz de Alarcón: Que no jacto valor de mis pasados; / Própia virtud es calidad gloriosa (La cueva de Salamanca, I)" (Gramática de la Lengua Española, 257).

Encontrando o fato por sua vez, registra Albert Dauzat:

Plusieurs verbes, issus du latin, ont pris la conjugaison pronominale en français par insistance affective, pour mieux rattacher l'action au sujet: s'abstenir, se repentir (anc. fr. so pontir), s'évanouir correspondent aux verbes latins abstinere evanescere, poenitere, que ont le même sens sans pronom réfléchi. (Grammaire Raisonnée de la Langue Française, 204)

De fato, autorize ou não a etimologia a pronominalização desses verbos, seja ou não a analogia a causa do fenômeno, é incontestável que muitos deles ganharam especial relevo com a adição da partícula, já hoje essencial à sua estrutura.

Vejamo-los exemplificados:

Em tais circunstâncias, os eclesiásticos abstínham-se de comparecer nos tribunais." (Herculano, H. Inquisição, I, 27) (6)

Chegando à rua, arrependi-me de ter saído. (M.de Assis, Brás Cubas, 183) (6)

Quisera eu, pois, que em vez de se aterem à superfície, os homens de estado descessem à raiz dos nossos sofrimentos. (Rui, Cartas de Inglaterra, 131) (6)

Esforçavam-se, finalmente, em atenuar o terrível argumento dos cardeais. (Herculano, H. Inquisição, II, 88)

NOTA - Este verbo, que na linguagem atual se emprega tão só em forma reflexiva, usava-se ainda no século XVI, e com certa frequência, com umativo estranho ao sujeito, na acepção de estimular, do que é testemunho este passo de Camões:

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Vejá a batalha e os seus esforce e anime.
(Lusíadas, X:17)

Se eu me suicidar, Teresa, não consintas que me chamem covarde... (Camilo, Novelas, III, 194)

NOTA - Moroco notada, ainda, neste verbo, a possibilidade - que vemos no exemplo - da discordância do agente-paciente com o pronome pessoal sui, da 3a. pessoa, aglutinado ao radical -cid-.

16. Constituem casos esporádicos de contaminação sintática as expressões não se me importa, modelada por não se me dá, e ter-se com alguém, por encontrar-se com alguém. Tanto numa como noutra sobeja o reflexivo, como é fácil de ver pelo uso geral, sancionado pelos melhores escritores. Daí se conclui que as citadas expressões podem ser canalizadas entre os deslizes do autor, feita a advertência de que não há nada glorioso que os não tenha perpetrado. Vejamos, em cotejo, a sin de marinada e as que lhe são equivalentes em sentido:

Não se me importa a vergonha nem o diabo! Eu sou um homem de bem, sr. administrador! (Camilo, Brilhantes, 16)

Bernardo era assim feliz, e não se lhe dava que as fidalgas de riba-Douro dissessem, por chiste, que a vara e o remo deixaram nas mãos de Teresa umas excrescências calosas, que se não podiam apertar sem moléstia. (Idem, Doze Casamentos, 118)

Não me importou o dever de cristão e não senti re-
morsos. (Herculano, Monge, I, 38)

X Lembrou-se Joaquim do padrinho; mas a morte corta-
ra-lhe êsse recurso. Foi ter-se com o filho sucessor na
casa, a ver se queria protegê-lo como seu pai. (Camilo,
Novelas, I, 210)

No (ano) de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-
se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Ca-
sa. (M. de Assis, Várias Histórias, 102)

Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal, per-
guntou-lhe por que não ia ter com o padrinho. (Idem, Pá-
ginas Recolhidas, 114)

17. Certos verbos se tornam tão assíduos na exibição do refle-
xivo que causa estranheza o seu aparecimento com objeto diverso da pes-
soa do sujeito. Vejam-se êstes exemplares:

Teresa já não ouviu as derradeiras palavras. Pror-
rompeu num alto choro, que parecia finar-se de angústia.
Acercaram-na mulheres saídas da igreja, e a mãe entre es-
tas. (Camilo, Vinte Horas, 199)

O recruta, chorando com ela nos braços, apiedou o
comandante da guarda, que os mandou entrar na casa das
tarimbas. (Idem, Novelas, I, 98)

A dona abadêssa, entrando, não demorou a causa da
sua vinda:

--Por lhe não dar incômodo, sr. padre Dinis....
(Idem, Mistérios, II, 197)

18. Não é raro aparecer o verbo pronominal sem o reflexivo quan-
do exprime sentido vago, na forma própria do infinitivo:

Apressados no pecar e tardios no arrepender. (Moraes,
Dicionário)

Se às vezes ao deitar lhe esquecia uma Salve Rai-
nha, fazia penitência no outro dia. (Eça de Queirós, Cri-
me, 74) X

19. Os verbos entrar e penetrar, embora se empreguem normalmen-
te como intransitivos, são também transitivos e, como tais, aparecem,
quando raro, apassivados pelo reflexivo, em sentido moral. Exs.:

Médico, entraste o soalheiro opulento? (Rui Barbo-
sa, Coletânea, 35)

Em seguida, quando se viu esbulhado das economias que amealhara antes de herdar as três mil peças, entrou-se de tamanha paixão - espicçaram-no tantas saudades do seu dinheiro, que mórreiria abafado, se não desafogasse no ódio ao filho. (Camilo, Novelas, I, 204)

Todos êles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escalpelam um cadáver. (M. de Assis, Várias Histórias, 27)

E, como esta mágoa era de espécie ruim de revelar-se, o calá-la foi um penetrar-se mais dos espinhos de sua perdoável vaidade, e entristecer-se a extremos de dar que sofrer à amiga e a Vitorina. (Camilo, Brilhantes, 131)

20. A mesma ação analógica de que resultaram os verbos próprios pronominais do tipo de arrepender-se, se bem que atenuada, se não eliminada, pela reação disciplinadora da gramática, - mais atuante hoje do que no período de consolidação da língua, - ainda se faz sentir nos nossos dias, no falar e no escrever dos menos advertidos. Assim é que muitos passos se encontram pronominalizados, sem a sanção embora dos bons escritores, verbos como os seguintes, que alinhamos ao lado dos seus possíveis modelos:

antipatizar-se com alguém	- aborrecer-se...
avultar-se algo	altear-se...
convergem-se as atenções	voltam-se....
exultou-se o povo	alegrou-se.....
ingressei-me no recinto	introduzi-me...
êle se interveio	êle se interpôs
ombream-se aos inimigos	igualaram-se...
simpatizei-me por êle	inclinei-me...
sobressaíram-se os dois	salientaram-se...

Enta-se, todavia, o uso literário pelos modelos abaixo:

Haviam sido feitas de modo e feitio pouco vulgar, mas muito honestas, posto que não antipatizassem com Cupido. (Camilo, Novelas, II, 154)

Um mérito, porém, se dava nêlo, que avultava mais aos olhos do conde-duque que outras quaisquer considerações. (Herculano, Composições, 90)

Apenas se ouviu correr a chave de um camarote, estando o pano em cima, convergiram as atenções para a segunda ordem. (Camilo, Onde está a felicidade? 138)

Folgai, e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus. (A. P. Figueiredo, S. Mateus, V:12)

Os homens da justiça que eram presentes, intervieram, levando da sala o alucinado rapaz. (Camilo, Demônio, II, 117)

Já temos médicos de primeira ordem, que podem ombrrear com os melhores de outras terras. (M. de Assis, Dom Casmurro, 93)

Serafim José Gonçalves simpatizara com a atitude política dos seus conterrâneos. (Camilo, Demônio, II, 134)

Noutro plano, ressaltavam as côres vivas de um quadro de frutos, em que sobressaía à primeira luz o escarlate apetitoso de uma melancia aberta em talhadas. (Idem, Vinte Horas, 168)

IV. O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS BITRANSITIVOS

21. De modo geral, a posição do pronome reflexivo em face do verbo bitransitivo não difere da que êle assume diante do transitivo, já que este passa a dividir com o objeto indireto o interêsse da ação. Assim, em vez de atingir em movimento de extensão o objeto imediato, o verbo reflexivamente visa, vem o sujeito a receber, em movimento reverso, o efeito da ação, com o que se torna, a um só tempo, agente e paciente.

É mais lógico, pois, do que substituições como esta, para se explicar a construção reflexa:

D. Cesária desculpara Rita de não ter lá ido.

"Rita desculpara-se de não ter lá ido." (M. de Assis, Memorial de Aires, 180)

Em casos semelhantes é geralmente possível, portanto, operar a transformação ativa e a reflexa com o mesmo verbo, segundo êstes exemplos:

...Seria justo e honroso que o sr. Fialho não sacrificasse quem o acautelou (do roubo)... (Camilo, Brilhantes, 11)

...mas devo acautelar-me dos facinorosos que acoita em sua casa. (Idem, Novelas, I, 33)

Aconchegando as honestas mantilhas dos rostos, a mãe e a filha encaminharam-se à rua do Val de Donas. (Idem, Novelas, III, 81)

--Pois vossemecê não me entende?! - tornou Rita aconchegando-se dela. (Idem, Brilhantes, 97)

Liberalmente o forneceras do teu rebanho. (Almeida, Deuteronômio, XV:14) ✗

Indicou-lhe a melhor estalagem para se fornecer de de víveres. (Camilo, Novelas, III, 194) ✗

22. Fenômeno interessante e não assaz notado é a bitransitivização de verbos simplesmente transitivos pela interferência do reflexivo. É o caso que êste toma a si a função do objeto direto, o primitivo

Partencem a este grupo, entre outros, os verbos que aqui se re-
sumem, com a exemplificação devida:

Poupe-me o desgosto de admirar os progressos do seu
aluno. (Rebêlo da Silva, Mocidade, I, 133) (6)

Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consen-
tir semelhantes agravos. (Vieira, Sermões Escolhidos, I,
22) (6)

Eu aproveitei a circunstância para passar todo aquê
la dia ao pé dela. (M. de Assis, Brás Cubas, 239)

Sucumbem, padre Dinis, quando a paciência do amanto
se aproveita das impaciências do marido... (Camilo, Mis-
térios, II, 21)

Então o tribuno despediu o moço, mandando-lhe que a
ninguém dissesse que lho havia dado aviso disto. (A. P.
Figueiredo, Atos, XXIII, 22)

Sem que ela lho perguntasse como lhe sobejava alen-
to para despedir-se da sua irmãzinha, o pequeno explicou
a sua idéia.... (Camilo, Domônio, I, 44)

Hora depois encontrei o capitão, sentado num molho
de cabos. (M. de Assis, Brás Cubas, 68) (6)

Um dia, seu pai e mais os guerrilheiros que andavam
com ôle encontraram-se com uns fidalgos de Ribeira do Pe-
na. (Camilo, Bruxa, 79)

Conquistamos a Índia para que estranhos a lograssem.
(Latino Coelho) (6)

...o dono, outra maravilha da zoologia dos ares, so
logra da sua vivenda sempre ao abrigo do ventos e tormen-
tas. (Rui Barbosa, Colôtna Literária, 280)

Alguns mais detidos revelam em muitos casos alteração, às vèzes
profunda, do sentido etimológico. Realmente, admirar, por exemplo, como o
latim admirari, denota uma posição emocional do sujeito em relação a um
objeto, com a diferença de que o prefixo faz supor proximidade (admi-
rari ad mirari, mirari ad rem), ocasionada talvez pela fascinação da
coisa vista. O que se verifica na construção reflexa constitui, destar-
te, verdadeira anomalia, já que o sujeito, capaz da ação, assume o papel
de paciente, sem que ela, entretanto, venha a incidir nêlo.

A Gramática da Academia Espanhola registra uma tentativa de ex-
planação do fenômeno por meio de cruzamento sintático. Eis o que ali

Puedo decir YO admiro la agudeza de Juan, y con-

virtiendo en passiva esta primera de activa, expresar el mismo pensamiento diciendo: la agudeza de Juan es admirada POR MI. En las dos construcciones tenemos el mismo agente: sujeto en la primera, y ablativo en la segunda. Pero también puedo decir ME admira la agudeza de Juan, donde el sujeto yo de la primera oración se nos ofrece como acusativo de objeto directo que sufre la acción del verbo admirar, cuyo agente es la agudeza; y puedo, por último, sumar esta última construcción con la primera, y decir YO ME admiro de la agudeza de Juan, donde la persona yo es sujeto como en la primera, y es á la vez objeto como en la tercera, siendo el vocablo agudeza la causa de la admiración, o sea el objeto de donde ésta sale para recair en mi, pero sin ser ya sujeto ni objeto directo, sino un complemento con la preposición de. (Obra citada, 257-258)

25. Construção similar à de admirar-se, isto é, bitransitiva reflexiva, passaram a ter os verbos que exprimem sentimento, quando se refere não só ao sujeito. O fato, que se explicaria morfológicamente em lastimar, carpir, deliciar e outros transitivos, deve esclarecer-se também à luz da psicologia, visto que o reflexivo não tem aí caráter puramente gramatical e sim afetiva. Realmente, na sua fácil adaptabilidade ao grau do sentimento, a partícula se contribui para tornar mais sensível a expressão de dor, piedade, surpresa, receio, alegria ou qualquer outra condição afetiva em que se encontre o sujeito. Qualquer construção sintática que se atribua ao reflexivo será fictícia, podendo classificar-se como objeto direto aparente apenas para satisfazer a formalidade da análise, e isto porque o complemento de preposição, enunciando a pessoa ou coisa que motiva o sentimento, assume a função de objeto indireto.

No grupo desses verbos podem assinalar-se mutações sintáticas como estas: algo dói, algo me dói, dôo-me de algo. Exs.: X

Pois meu caro senhor, eu sinto os seus incômodos de estômago; os do coração não me dôo dêles, porque me não sobra sensibilidade do muito que padeço também. (Camilo, Doze Casamentos, 202)

O arcediogo.... escrupulizava em proteger um escape diço da fôrça; todavia, condoera-se dô pai e acedera aos rogos do irmão. (Idem, Novelas, III, 190)

E nem me apiedava de Jacinto. (Eça, Cidade, 89) (6)

Encontraram-na carpindo-se da perda do seu benfeitor, do pai de três meninas, que ficaram órfãs, e pobres. (Camilo, Mistérios, II, 71)

D. Beatriz.... transiu-se de horror frio quando teve a denúncia de que sua sobrinha amava o irmão de Joana. (Idem, Brilhantes, 55)

--Era um roué, ao que parece! -- disse com solenidade o barão, congratulando-se do ensejo propício de embutir o roué, que, de há muito, lhe estava nos lábios escurvados para a primeira ocasião. (Idem, Mistérios, II, 242)

Se alguma vez deres à estampa êste conto, podes dizer que o jovem oficial pediu o coração à moça em exclamações de quem se goza de uma perfeita saúde. (Idem, Vinte Horas, 39)

Os prudentes não se maravilharam dos lucros que a sra. d. Anacleto empregava na opulenta educação de suas filhas. (Idem, Mistérios, II, 72)

Antes de político me prezo de ser cristão. (Rui Barbosa, Coletânea Literária, 238)

(O Tiradentes) a todos incutia alento com as explosões de sua temerária eloquência, sem recear-se que os acovardados o delatassem. (Idem, Demônio, I, 183)

Temia-se dêstes, receosa de que a espiassem. (Idem, Bruxa, 19)

24. A construção reflexa do verbo socorrer, que é transitivo, está no caso dos examinados no nº 22. Sucede, porém, que, com ligeira atenuação do sentido, passou êle a constituir um grupo à parte, juntamente com outros em cuja sintaxe deve ter influído, tais como aproveitar, ajudar, valer, prevalecer, utilizar e servir, que, pronominalizados, todos se empregam com o sentido de servir-se. Exs.:

...muitas vezes se aproveitavam disto para lançarem os lebréus por um cabo. (Herculano, Monge, I, 48)

E, para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé mas da razão me ajudo.
(Bocage, Poesias, II, 234)

Estando nesta convicção, eu não tinha que dissimular com a minha consciência e me valer de rodeios parlamentares. (Rui, Réplica, nº 21)

Vós podereis prevalecer-vos do descrédito em que já tem caído o vosso próximo e da pouca importância das vossas murmurações. (Fr. Franc. Mont'Alverne) (6)

Ora, aplicado à hipótese o critério de que se utilizou Batista Caetano, veremos que... (Rui, Réplica, nº 225)

As Dórcadas passamos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Tôdas três de um só ôlho se serviam.
(Camões, Lusíadas, V:11)

O atribulado velho socorreu-se de alguns cavalheiros mais distintos da terra como intercessores. (Camilo, Nove-las, III, 188)

25. Há um tipo de verbos transitivos que, admitindo a prefixação da preposição a (ad), parece constituir por êsse processo uma modalidade de de sincretismo. No composto se observa, todavia, a tendência para a dupla transitividade, - direta reflexa e indireta, - com a conversão do sujeito em paciente - graças à adição da partícula se - e do primitivo objeto direto em indireto, pela subordinação preposicional. Neste caso o nexo prepositivo é, por um fenômeno de atração, a própria partícula a (ad), que já desempenha o papel de prefixo. Por outro lado, à variedade de sintaxe corresponde geralmente divergência de sentido, mais ou menos sensível. Exs.:

--As castelãs dos belos tempos da cavalaria costumavam pagar com sorrisos ou com dinheiro as trovas dos provençais, que as cantavam. (Camilo, Vinte Horas, 181)

Não é bom cansar os seus olhos; e, além disso, é justo que me acostume a servi-la. (M. de Assis, Helena, 27)

NOTA - O objeto direto pode não ser, aqui, reflexivo, o que não contravém à observação: "O tempo acostumara-os à troca de balas; era como se ouvissem rodar carros pelas ruas de uma cidade em paz." (Idem, Páginas Recolhidas, 254)

Fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma. (A.P. Figueiredo, Gênesis, XIV:12)

Ainda a ela me não afiz. (Rui, Réplica, nº 27)

Ali a escuridão era quase completa, e até, quem se chegasse ao pé dêle, dificilmente distinguiria nesse vulto, que semelhava uma trouxa, as formas e proporções humanas. (Herculano, Monza, II, 163)

Para êstes o evangelho assemelhava-se ao sol que rompe d'além das serras e que ilumina, aquece e alegra; para os escravos abjetos dos césares assemelhava-se ao sol mergulhando-se no mar, que só deixa nos campos escuridão, frialdade e tristeza. (Idem, Eurico, 34)

X
Levantou-se súbitamente, chegou à janela... (Camilo, Mistérios, II, 11)

As aves se achegam aos ninhos. (Euclides, Sertões, 74)

Cumpre notar, porém, que principalmente essas duplas de verbos não se isentam de cruzamento sintático, pelo qual a forma simples se pode ver construída ao feitiço da composta, e sem dúvida por influência desta. São exemplos dessa assimilação sintática:

*Festa que
bello gáudio*
Costumei-me a estas suas águas, que, ainda que amargas, são saudáveis. (F. R. Lôbo, in Antologia Nacional, 280)

À escassa claridade, que derramava longínquo fulgir das estrêlas, aquêlê vulto de mulher semelhava-se a um anjo perdido nas trevas do mundo e da noite, tanto as suas formas eram suaves e ao mesmo tempo severas, os seus menciões nobres e modestos. (Herculano, Bôbo, 132)

Quem se chegasse ao pé dêle, difficilmente distinguiria nesse vulto.... as formas e proporções humanas. (Idem, Monge, II, 163)

V. O PRONOME REFLEXIVO COMO ELEMENTO DE AFETIVIDADE

A) IR-SE, FICAR-SE, DESCER-SE, PARTIR-SE, SAIR-SE, SUBIR-SE, REPAR-SE, VIR-SE, SUMIR-SE, ESCAPULIR-SE, DEIXAR-SE, PASSAR-SE, VIVER-SE, MORRER-SE E ESTAR-SE

26. Além da analogia com sinônimos e parônimos, concorreu de modo especial para a irregular pronominalização de verbos intransitivos a afetividade da construção reflexa, pela qual se pode dar especial realce à posição do sujeito ou de outros elementos interessados na plena realização do sentido verbal, quer tenha ôste natureza dinâmica, quer simplesmente estática. Reparemos em alguns casos.

IR-SE Chegando a Espanha Carlos V, se foi Magalhães à cidade de Burgos..... (Latino Coelho, Fernão, 151-2)

O abade interrompeu-a: - "Está varrida - disse, voltando-se para mim.... Ide-vos embora, Brites! (Herculano, Monge, I, 23)

Costuma-se considerar aí o se, mormente na locução ir-se embora, como partícula de espontaneidade. É o que transparece das orações expositivas do tipo da primeira citada. Não se concebe, porém, a mesma noção adjunta de vontade própria quando a proposição se apresenta em forma imperativa, já que se não concilia a idéia de ação voluntária, de um lado, com a de imposição, de outro. Chega-se à conclusão de haver, na construção, não propriamente espontaneidade, que não está entretanto excluída do primeiro caso, e sim interêsse, que se pode desenvolver em empenho, mas nem sempre do sujeito de ir-se, como em vou-me ou foi-se, porque pode ser mais veemente da parte daquêlê que ordena, segundo se vê do segundo caso: vai-te, ide-vos.

Narrando o episódio da tentação de Jesus no deserto, S. Mateus registra nestes têrmos, reborando a afirmação supra, uma das respostas do Mestre ao tentador:

Vai-te, Satanás. Porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a êle só servirás. (A. P. Figueiredo, S. Mateus, IV:10)

27. Sem perder de vista a versatilidade com que passa a partícula reflexiva do sentido de espontaneidade ao de imposição, pode notar-

que em muitos verbos a que ela se junta prevalece a idéia de conveniência, da parte de alguém, de que a ação se realize. Esta conveniência pode corresponder à disposição espontânea do sujeito, do seu espírito de iniciativa ou decisão e conseqüente naturalidade no agir, mas pode também traduzir a coação de outro ser interessado na ação ou uma urgência de circunstâncias alheias à vontade do mesmo sujeito, o que se dá nos exemplos postos sob os olhos.

Cumpra observar que a êsse se já não quadra, depois de reconhecer o seu valor acepcional, o epíteto de partícula expletiva, com que se tem dado a conhecer através da análise sintática.

X FICAR-SE Dizia Pajillas a Missas:--Que mulher! eu dava o marido ao diabo e ficava-me com ela!" (Camilo, Novelas, III, 198)

X O capitão, afeito àquela cena, não reparava no êxtase, misto de terror e admiração, em que Sebastião de Melo se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso. (Idem, Mistérios, II, 107)

DESCER-SE Por amor, pois, de frei Jacinto de Deus é que o domabade so descera da sua severidade e amolecera tanto, que se não contentou com menos de mandar sair do cárcere frei Tomás de S. Plácido..." (Idem, Bruxa, 39)

PARTIR-SE Já se aprestam guerreiros luzentes
Já se onfreiam corcéis bélicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a vitória briosos.
(Gonçalves Dias, Poesias, II, 54)

SAIR-SE Saiu-se enfim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena.
(Camões, Lusiadas, IV:58)

SUBIR-SE Começou a chover o dilúvio de Noé... subiram-se os homens aos quartos altos... subiram-se aos telhados.... subiram-se às tôrres... subiram-se aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde subir.
(Vieira, Sermões, III, 293) (9)

TREPAR-SE E sua mãe, a tia Maria Florência, perdeu o juízo, e andava a encomendar as almas, por noite morta, trepan-do-se aos cabeços da serra. (Camilo, Novelas, III, 31)

VIR-SE Tanto que o viram, se vieram para êle. (Mario Barreto) (6)

SUMIR-SE ...a liteira, acossada pelo Char-à-bancs, sumiu-se ainda nas veredas pedregosas, e acoutou-se à sombra do solar alcantilado e inacessível ao rodar da sege. (Camilo, Vinte Horas, 5)

ESCAPULIR-SE Ainda assim, frei Jacinto desandou para onde o outro se escapulia... (Idem, Bruxa, 155)

DEIXAR-SE Minha madrinha que está no céu, botava-se-lhe de joelhos aos pés a pedir-lhe que se deixasse de fazer mal a quem lho não fazia, e se metesse em sua casa." (Idem, ibidem, 79)

PASSAR-SE Eu me vou passando as férias em Vila Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias tôda a nossa universidade. (Vieira, Cartas, I, 229) (9)

VIVER-SE Os peixes pelo contrário lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem. (Idem, Sermões, II, 315) (9)

MORRER-SE O José morre-se por laranjas. (A. G. R. Vasconcellos, Gramática Histórica, 213)

ESTAR-SE E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, estou-me na minha cela. (Vieira, Cartas, II, 158) (9)

Segundo Bello e Cuervo,

Entrarse añado á entrar la idea de cierto conato ó fuerza con que se vence algún estorbo: "A pesar de las guardias apostadas á la puerta, la gente se entraba." Lo mismo salirse: "Los presos salieron" enuncia sencillamente la salida; se salieron denotaría que lo habían hecho burlando la vigilancia de las guardias ó atropellándolas." "Morirse no es morir, sino acercarse á la muerte. Nacerse es nacer espontáneamente, y se dice con propiedad de las plantas que brotan en la tierra sin preparación ni cultivo:

Poco á poco nació en el pecho mio,
No sé de qué raíz, como la yerba
Que suele por si misma ella nacerse,
Un incógnito afecto. (Jáuregui)
(Gramática, pág. 201)

28. Em certos casos o se não tem valor afetivo propriamente, mas serve para assinalar ao verbo um sentido novo, às vezes completamente diverso do etimológico. Exs.:

DAR-SE = relacionar-se, combinar:

Dá-se com todos e presta seus serviços. (M. de Assis, Quincas Borba, 292((6)

Idem = acontecer, ocorrer, realizar-se:

...nunca se lembrou de medir o abismo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca... (Camilo, Mistérios, II, 18)

PASSAR-SE = acontecer, suceder:

O caso passou-se em Lisboa, há quinze anos." (Idem, Vinte Horas, 174)

HAYER-SE = portar-se, proceder:

Não me uni: levaram-me prêso, escarneceram-me, derubaram-me facilmente na lama da rua; mas ainda assim houveram-se com caridade comigo. (Idem, Bruxa, 135)

PARECER-SE = assemelhar-se, ter as mesmas feições:

Nunca so parocera com o pai senão quando se riu assim. (Idem, Novelas, III, 191)

II(a) - O PRONOME REFLEXIVO COMO ELEMENTO DE AFETIVIDADE

B) RIR-SE E SORRIR-SE

29. Abrimos capítulo especial ao verbo rir e seu composto, não pela peculiaridade da sua posição entre os mais verbos empregados com a partícula afetiva, mas realmente porque os comentários que inspiraram tiveram maior desenvolvimento.

Passemos, com esta justificativa, a examiná-los através dos exemplos recolhidos:

Inês teve então um frouxo de riso feroz. Nunca se parecera com o pai senão quando se riu assim. (Camilo, Novelas, III, 191)

É por isso que tu ouves ao longe, na terra e nos mares, um som vago de risadas de insulto, um apupar de gentalha em línguas bárbaras. Riem-se de ti, desgraçada! riem-se do Portugal que fêz muitas vezes enfiar de terror os avós dos que ora fazem de ti baldão. Este rir, este apupar é a voz do teu opróbrio. Quando hás-de tu ser quem foste, oh terra do D. João I? (Herculano, Monge, I, 71)

Também este se de rir-se tem sido considerado por gramáticos e estudiosos do estilo como sinal de espontaneidade.

O próprio autor da "Estilística da Língua Portuguesa", que aqui por vezes citamos, graças ao propositado das suas observações, assim se estende sobre o assunto:

Alguns intransitivos admitem a forma pronominal, para darem um novo matiz de significação ao ato expresso pelo verbo ou para acentuarem mais expressivamente a figura do sujeito. Vejamos êstes dois exemplos:

1. O réu sorria, ouvindo aquelas acusações.
2. O pai sorria-se com as brincadeiras do filho.

A diferença é um pouco sutil, mas existe efetivamente. A primeira impressão que nos deixam as duas fra-

ses é que na primeira o sujeito denuncia certo retraimento, está como fechado em si mesmo; é, evidentemente, uma consequência do verbo intransitivo, que não se expande num objeto. Na segunda frase, tudo aparece espontâneo e movimentado: o sorriso deixa de ser fechado, acaba-se o mistério, - vemos pai e filho em comunhão de alegrias. Tudo isto se conseguiu com a forma pronominal. Alguns gramáticos chamam a este pronome reflexo "objeto direto de espontaneidade". É uma designação como qualquer outra; mas, enfim, traduz com certa verdade o que caracteriza principalmente o sujeito e a ação: espontaneidade, movimento sentimental, simpatia comunicativa, intimidade irônica, etc. (M. Rodrigues Lapa, obra citada, 196-197)

O que se colhe dos exemplos antes dados não se coaduna, entretanto, com a noção de espontaneidade. E, se por eles se tivesse de reger, na elaboração das suas frases, o abalizado analista do estilo, à primeira delas é que aplicaria a servil partícula, pois o se de rir-se, sorrir-se sugere na realidade um estado de espírito que só aparentemente se confunde com espontaneidade. Nas sucessão das atitudes psíquicas que se costumam exprimir pelo rir-se, é de ver como se graduam idéias que vão do escárnio à ironia, da ironia à decepção, da decepção à conformidade ou, em outros termos, à resignação. Esse primeiro grau, ainda de inconformidade, é evidente na citada frase de Herculano, que no mesmo lugar classifica aquele rir-se como um apupar de gentalha. É um patriota que se magoa diante de inimigos despeitados, que, não espontaneamente, mas coagidos pelos ressentimentos de passadas derrotas, procuram desoprimir-se da lembrança amarga pela válvula da ironia e do insulto, que são os principais recursos do despeito.

O mesmo escritor, depois de narrar uma aventura galante de que foi protagonista um mancebo por ele qualificado de chocarreiro e no qual, por isto mesmo, se há de supor a espontaneidade do rir, traduz esse estado de espírito, com que se remata o episódio, precisamente com o verbo sem pronome:

E através dos corredores e passadiços, subindo e descendo, ria como um perdido a pensar no caso. (Herculano, Monge, II, 166)

O rir-se de Inês, no exemplo de Camilo, não é também um riso espontâneo: é pressão das circunstâncias, em face de uma situação irremediável, antes narrada pelo autor. Desilusão é o que significa, desenhada em vincos faciais que se assemelham aos do rir, mas que a estrutura fraseológica distingue e define por intermédio do se.

A forma pronominalizada chega a empregar-se, não raro, como sinônimo de zombar, envolvendo algo de posição hostil, como se vê aqui:

D. Diogo Lopes era um infatigável monteiro: neves da serra do inverno, sóis dos estavais no verão, noutes e madrugadas, disso se ria êle. (Herculano, Lendas e Narrativas, III, 8)

Não há negar que em muitos exemplos de bons escritores deixa de estar associado a rir-se qualquer sentido de ironia. Mas não se infere daí que o reflexivo passe a imprimir ao verbo um quê de espontaneidade, pois êste sentimento se caracteriza por um impulso interior que geralmente não se manifesta nas construções pronominais do verbo ir. É fácil verificar, porém, que as reações por essas construções enunciadas são de surpresa, o que quer dizer atuação externa. Ainda que não se tenha por contrafeito, êsse rir-se é ordinariamente excitado. A dedução se tira tanto de sentidos imperativos quanto de expositivos:

Vamos! ria-se e esteja contente. (Garrett, Viagens, I, 194) (6)

A comoção era geral. Tanto a morgada, como seu marido, o comendador Francisco José Alvarães, choravam, às vezes; e, outras vezes, riam-se. (Camilo, Novelas, I, 185)

Objetar-se-ia acaso que rir e sorrir não são equivalentes.

Na verdade, uma razão etimológica atribuiria mais discrição ou menos rumor a sorrir (sub rire, rir atenuadamente). À parte, porém, os excessos que o levem até à rudeza do gargalhar, o rir encerra o sorrir na sua significação ampla e a êle se equipara nas manifestações ordinárias da alegria ou da conformação. Um e outro, observada a ressalva, são susceptíveis dos mesmos matizes afetivos, e é assim que os notamos no frasear espontâneo dos melhores escritores.

E, para confirmar o que acima se expendeu, assinale-se, antes da exemplificação que segue, ser a forma não pronominalizada a preferida para as expressões metafóricas, precisamente as que, pela ausência de qualquer agente provocador, encerram melhor que quaisquer outras um sentido amplo de espontaneidade.

A bela aurora que, quando ri nos céus, na terra chora. (Moraes, Dicionário)

Olhos que riem (Seguier, Dicionário)

Riam-lhe as aves, e o céu, e as flores. (Camilo, Romance, 69)

*Nota na
bibliografia*

Assentaremos de antemão onde havemos de aprovar,
onde sorrir e onde rir a bandeiras despregadas. (Mário
Barreto, Cartas Persas, 113)

--Deus me defenda... Eu disse à morgada que você
era romancista...

--E ela que disse?

--Riu-se.

--Riu-se!? É boa... E o marido...

--O marido disse: Arreda!

(Camilo, Novelas, I, 187)

Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada....

(Camões, Lusíadas, II:38)

Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

(Idem, ibidem, V:57)

--Este santo hábito que trazeis, senhor cavaleiro...
não digo bem..., irmão frei Vasco, me diz que Deus vos fêz
triunfar dos três grandes inimigos da humanal geração, mun-
do, diabo e carne. Socorrestes-vos ao Senhor no dia da
vossa aflição, e o Senhor vos abriu o pôrto bonançoso
onde podeis rir-vos das procelas da vida. (Herculano, Monge,
I, 12-13)

Tudo sorri à mocidade. (Seguier, Dicionário)

A ocasião sorriu-lhes. (Euclides da Cunha, Sertões,
418)

A natureza de menos longe lhe sorriu os primeiros
e desconhecidos encantos das regiões equatoriais. (Latino
Coelho, ap. Aulete)

A esperança... lhe sorriu um momento. (Herculano,
Bôbo, 193)

Aquela grande alma vergava debaixo do pêso da a-
flição. Cheguei-me a ôle sem que me sentisse: bati-lhe
de manso no ombro: olhou para mim e sorriu-se. Este sor-
riso traspassou-me o coração. Depois, o seu gesto reco-
brou as rugas de uma dor funda. (Idem, Monge, I, 32)

Não está na
bibliografia

Não está na
bibliografia

Morreu sorrindo-se para o mundo, que lhe fôra um
algoz. (Camilo, Anátema, 249) (6)

Também na língua espanhola se evidencia o sentido fortemente irô-
nico de rir-se, segundo o atestam Bello e Cuervo:

Reir y reirse parecen diferenciarse muy poco; y sin
embargo, ningún poeta diría que la naturaleza se rio, para
dar á entender que se muestra placentera y risueña, al pas-
que, cuando se quiere expresar la idea de mofa ó desprecio
parece más propia la construcción cuasi refleja:

La codicia en las manos de la suerte

Se arroja al mar, la ira á las espadas,

Y la ambición se rie de la muerte. (Rioja)

(Obra citada, 201)

VI. CRUZAMENTO SINTÁTICO E CRUZAMENTO AFETIVO

30. É notável nas línguas a amplitude com que se manifesta o fenômeno da contaminação sintática, o que constitui, ainda, ação dessa força irroprimível que é a analogia.

Mas, para que o fato se consuma, determinando o cruzamento das construções, importa que se estabeleçam entre os núcleos das expressões em causa afinidades mais que as da simples construção, a saber, forma vocabular de certo modo paronímica e valor significativo sensivelmente aproximado.

31. É possível que a relativa paronímia entre haver e avir, especialmente em formas pessoais como haverá e avirá, haveria e aviria, tenha contribuído para se atribuir ao primeiro destes verbos o sentido do segundo, a par da sua composição sintática. A hipótese tem a seu favor a circunstância de se ter tornado menos precisa em português a significação de haver, que apresenta em latim sentido mais ativo. Como quer que seja, o fenômeno se faz notar, não sendo raras, mormente no falar de cada dia, expressões como esta:

Aquêles que sôbre ti lançar vistas de amor ou de co-
biça, conigo se haverá, (Martins Pena) (6)

32. Da conciliação sintática de sinônimos, os exemplos enxameiam. Tratamos do assunto em vários lugares (ns. 20, 29 etc.), notando (nº 16) a intensidade com que atua no ânimo popular a irresistível força da analogia, apenas refreada em seus excessos pela reação disciplinadora da gramática. Juntemos aqui, de bom autor, estes dois interessantes casos, em que ter com passa a ter-se com por contágio de encontrar-se com, em cuja acepção se emprega; e importar-me se transmuda em importar-se-me graças à equivalência semântica com dar-se-me:

Foi ter-se com o homem, e comprou-lhe o estabelecimento, com a condição de arranjá-lo em local mais lucrativo do Minho. (Camilo, Vinte Horas, 133)

Foi ter-se com a tia Teresa, e contou-lhe em lágrimas a desventura de sua família. (Idem, Brilhantes, 16)

Não se me importa a vergonha nem o diabo! Eu sou um homem de bem, sr. administrador! (Idem, Brilhantes, 16)

O que se diz acima de sinônimos se pode redizer quanto a antônimos, pois também no que toca a tais palavras a ação da analogia é digna de apreciação. Poderia bastar a recordá-la a identidade de regência entre lembrar e esquecer, que a ela se deve. Vejamos de passagem, entretanto, este caso de expressões opostas pelo prefixo privativo:

Temia-se dêstes, receosa de que a espiassem. (Camillo, Bruxa, 19)

Todavia, bem pudera ela destemer-se da calúnia em anos tão adiantados. (Idem, ibidem, 157)

No tocante a sinônimos, Dauzat choga a consignar uma quase lei:

Chaque fois qu'un verbe, par une évolution de sens, devient le synonyme d'un autre, il tend à se construire comme le rival dont il menace les positions et qu'il cherche à supplanter. (La Langue Française, (sa vie, son évolution), 103).

Não está na bibliografia

33. Todavia, não se deve encarecer demasiado o valor da sinonímia nos processos sintáticos, pois, se é verdade que o sentido pode tornar paralelas duas construções, como - precisar os limites = determinar os limites; precisar de dinheiro = necessitar de dinheiro, - o contrário é às vezes o que se verifica: a regência é que torna sinônimas não poucas palavras e locuções, que, não fôra o nexos prepositivo ou o reflexivo, nenhuma afinidade semântica deixariam perceber. Assim é que avistar nada tem com encontrar; mas avistar-se e encontrar-se, e principalmente avistar-se com e encontrar-se com, já revelam sentido análogo. Também a simples mudança de estrutura de um complemento pode causar modificação do significado. Realmente, à primeira vista o verbo dar não lembra permitir relativamente ao sentido, mas êles se equivalem quando se lhes dá por objeto direto uma subordinada integrante: Ó Deus, dá que vençamos! = Ó Deus, permite que vençamos!

Além disto, não importa que diversas palavras tenham a mesma regência para serem sinônimas. Ter, haver e existir são três verbos que dizem a mesma coisa sem se construírem do mesmo modo. Infere-se isto de exemplos como êstes:

Esta biblioteca tem livros raros.

Nesta biblioteca há livros raros.

Nesta biblioteca existem livros raros.

São, estas, três frases em que se diz a mesma coisa - tanto quanto seja admissível dizer uma só coisa de diferentes maneiras. No entanto, o verbo ter se emprega com sujeito e objeto direto; o verbo haver, com objeto direto e sem sujeito determinado, pelo que se mantém inalterado; e o verbo existir, ao contrário do haver, sem objeto direto e com

sujeito, que o obriga à concordância.

34. Ao que foi dito se pode acrescentar, e como conclusão fundada no exame dos fatos, consistir a analogia na repercussão exterior de um processo psíquico, consciente ou inconsciente, pelo qual as idéias se cruzam e como que se modelam, completando-se ao influxo de certas atitudes mentais, com que reage o sujeito em face das variadas percepções. Nesta operação, o espírito se apropria às vêzes de diferentes aspectos dos seres e atos, e, superpondo-os, perfaz com êles nova modalidade de expressão, como adiante se verá.

Claro é que dos espíritos menos afeitos ao exercício do pensamento, ou menos sensíveis às sugestões do ambiente, não se poderão esperar, como resultado dêsse processo formador, senão frutos pecos e ruídos, do tipo daqueles que alguns gramáticos classificam como casos de falsa analogia; mas de uma legítima corebração de artista, capaz de dominar o complexo das percepções e de descerrar o tesouro das imagens, é de esperar que as palavras, ainda que velhas, ressurdam como novas, fazendo pompear, na trama artística da frase, sentidos evidentes, e com tal incisão que os fatos se transmitem com o colorido natural e sedução nova, às vêzes com brilho mais intenso que o desejado para a sua perfeita comunicação.

Baste exemplificar com uma desprezível frase, simples e impressiva, como tantas que fluíram da pena ímpar de Eça de Queirós, no seu conhecido conto do "Suave Milagre":

*Falta-me
bilhete*
Tão rôta, tão trôpega, tão triste, até os cães me
ladrariam da porta dos casais.

Não vamos deter-nos na análise dos três qualificativos, cuja significação se intensifica sobremodo com a partícula tão, e que, pela sua posição no rosto da frase, antecipam em sua inteireza o vulto repelente da pobre mendiga, que só a piedade cristã poderia transfigurar; nem aprofundar-nos na particular aceção da inclusiva até, pela qual se contaminam os próprio cães, em regra humildes e sem vaidade, do mesmo horror humano às manifestações ostensivas da miséria. Mas apreciemos o poder de sugestão que adquiriu, pela sua posição sintática, o verbo ladrar, aí feito transitivo, e de tal modo que se transferiu ao pronome objetivo, que é no caso a pobre velha, tôda a carga de pavor que o sujeito poderia inspirar!

Ladrar não é, aí, apenas a voz do cão: é também a ameaça, a posição hostil, a corrida desapoderada com que êle haveria de escorraçá-la dos casais, se ela acaso ousasse aventurar-se por ali, à procura do Messias que lhe resgatasse o filho e, com êlo, o seu maternal coração, povoado de tormentos!

Sim, na transitivação do verbo é fácil perceber um cruzamento que

não é tão simplesmente sintático, mas sobretudo psicológico, em que se engraçaram as idéias fundamentais de latir e afugentar, com o concurso de outros acessórios semânticos menos definidos, o que tudo redun-
da no harmonioso concêrto, tão rico de expressividade.

Esta, sem dúvida, a explicação para tantos casos análogos, que não se devem levar ao crédito da pura e simples sinonímia.

Aduzamos alguns variados exemplos em que parece operar-se o mesmo fenômeno e cujo exame especial demandaria demasiado tempo e espaço:

INSTAR = FORÇAR: Os circunstantes, espantados do silêncio da criada, e talvez suspeitosos d'alguém mistério talvez justificativo da inculpabilidade dela, instavam-na a responder. (Camilo, Brilhantes, 11)

PASSEAR = EXIBIR: Casou com a mais desgraçada polha que deu a Maia, e arreou-a de veludos e cetins para a passear nas praças do Pôrto com o gáudio dum cornaca vaidoso que expõe o seu elefante ajaezado bizarramente. (Idem, ibidem, 23)

DESCANSAR = CONFIAR: Enfim lá vamos... Amigo Fialho, descanse em nós, o espere-nos aqui. (Idem, ibidem, 29)

LIQUIDAR = APURAR: Ao anoitecer, meteu-se em carruagem, e foi para S. Roque da Lameira, ou para a Cruz da Regateira: não liquidamos com corteza em qual das paragens per-noitou. (Idem, ibidem, 128)

ABASTAR-SE = SATISFAZER-SE: O escrever-lhe não constava do programa; nem isso era mister para homem que se abastava com o ideal encontro no silêncio das noites estreladas. (Nas dez o nome) da obra nem do autor)

PENETRAR = IMPREGNAR: Contaram as criadas que o fantasma de José Maria, auxiliado por incômodos de bexiga, a matara, penetrando-a dum remorso dilacerante. (Idem, ibidem, 87)

PACTUAR = DECIDIR: Reanimou-se o cego. A esperança galvanizou-lhe as articulações emperradas pela imobilidade. Aparentou nos braços com reconhecimento a dedicação do parento, e pactuou sair no dia seguinte. (Idem, ibidem, 175)

MEXERICAR = COMENTAR: Quando, por fins de junho, saímos de Vize-la, mexericava-se que um rapaz do Pôrto.... fôra visto, à claridade da lua cheia, cochichar com Irene, êle no quinchoso e ela no muro do quintal. (Idem, Novelas, I, 35)

PALPITAR = PARECER: --Palpita-me que foi assassinado pelo Abreu:
-- concordou o meu amigo, e acrescentou: --Escrevo hoje ao abade de Sta. Eulália, citando-lhe as palavras de João Pacheco, e pedindo os pormenores do desastre.
(Idem, ibidem, 39)

COMPADECER = IMPRESSIONAR: Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus com raiva e lágrimas. Dizia que não lhe importavam as conseqüências... - que se o marido a matasse, Deus me pediria contas. Compadeceu-me esta tolice!
(Idem, ibidem, 50)

AGUILHOAR = IMPELIR: As autoridades judiciárias, aguladas pela imprensa, aguilhoavam os regedores a assaltarem-lhe as casas. (Idem, ibidem, 59)

MURMURAR = RECLAMAR: Replicou-lhe o delegado que semelhante justificação era insuficiente: o cego redargüiu que não tinha outra, nem essa mesma daria, se Amaro Fayal fosse vivo, porque no seu braço se amparara vinte anos, vinte anos vira pelos olhos dêle, e mal remunerado o despedira, sem que o seu guarda-livros murmurasse da mesquinhez da paga. (Idem, ibidem, 163)

AVULTAR = DEMONSTRAR: Avultou-lhe as funestas conseqüências da sua teimosia em querer passar por pobre, quando toda a gente estava convencida do contrário. (Idem, ibidem, 206)

ACOMPANHAR = ANDAR: --É a filha de D. Rojo de Valderas, do alcaide. --Ouvi falar mal dêsse homem. --São calúnias. A Inês é um anjo, tu verás. --Mas disseram-me que nenhuma senhora acompanha com a filha do alcaide - ob-
jetou Guilherme. (Idem, Novelas, III, 150)

CANSAR-SE = ESFORÇAR-SE: As reticências são pontos sem forma literal porque só com elas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as indelicadezas se acham contidas no A-b-c; por mais que a gente se canse em inverter a verdade com o artifício das sílabas, quando se evita a ofensa, ressalta sempre a ironia. Portanto... (Idem, ibidem, 47)

LEMBRAR = OCORRER: --Homem, - disse êle - eu estive à espera duas horas, e quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe aconteceria alguma desgraça. (Idem, Mistérios, II, 117)

ANSIAR = ALMEJAR: Orou muito, porque o mêdo seca as lágrimas. Ansiou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma, quando as dez horas se aproximavam. (Idem, ibidem, 134)

INSTAR = OBRIGAR: Frei Jacinto de Deus instava ao justo ato de humildade o colegial; e, rebatido sempre com argumentos de pundonor, não sabia decidir-se entre repreender-lhe o orgulho, e maravilhar-se tácitamente de tão desusados brios. (Idem, Bruxa, 38)

CONFIDENCIAR = EXPOR: A vergonhosa repulsa não valeu a cicatrizar-lhe a chaga cada hora mais apostemada. Confidenciou aos parentes e sócios de suas manhas o êxito infasto da tentativa. Disseram-lhe que a moça era inexpugnável: o mesmo foi ervar-lhe os acicates do amor. (Idem, ibidem, 45)

PALAVRAS FINAIS

Muitos outros pontos caberia tocar e desenvolver aqui. Não queremos, porém, ultrapassar os limites naturais de trabalho dêste gênero, e é realmente com pesar que lhe pomos ponto.

Dêste pouco que aí está, temos a esperança, entretanto, de que algo se aproveite, ao menos como sugestão, para estudos mais completos, cosidos e metódicos, que a matéria é vasta e merece bem tratada.

Queiram relevar os doutos as falhas inevitáveis e tenham por honesta a nossa tentativa no sentido de estimular a empresa de conciliação, cada vez mais íntima, das pesquisas gramaticais com as investigações estilísticas.

Rio, 12 - 7 - 1954.

ÍNDICE - SUMÁRIO

	Pág.
Prefácio	2
I. - TRANSITIVAÇÃO E INTRANSITIVAÇÃO	3
1. Verbo intransitivo	3
2. Exteriorização pleonástica do objeto interno	3
3. Exteriorização metafórica e afetiva	4
4. O fenômeno da transitivação na poesia simbolista	5
5. Verbo transitivo	5
6. Omissão do objeto direto graças à evidência mental	5
7. Idem por não importar senão a capacidade do sujeito	6
8. Idem por indicar antes atributo que ação	6
9. Idem pela indeterminação do paciente	6
II. - O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS TRANSITIVOS	8
10. Indicação do agente-paciente pela partícula <u>se</u>	8
11. Omissão da partícula com verbos cujo paciente é em geral o próprio sujeito	8
12. Idem com verbos cujo paciente deixa de ser <u>coisa</u> para ser a <u>pessoa</u> do próprio sujeito	9
13. Idem com verbos de formação parassintética	10
14. Idem com verbos de significação aproximada à dos referidos parassintéticos	11
III. - O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS INTRANSITIVOS	12
15. Verbos intransitivos que se tornaram pronominais por analogia (<u>arrepender-se</u> etc.)	12
16. Casos especiais de contaminação sintática (<u>não se me importa</u> = <u>não se me dá</u> etc.)	14
17. Verbos habitualmente pronominais empregados com objeto não reflexivo (<u>apiedá-lo</u> etc.)	15
18. Verbos pronominais empregados acidentalmente sem o reflexivo (<u>arrepender</u> etc.)	15
19. Verbos intransitivos em construção reflexa (<u>entrar</u> - <u>entrar-se de</u> etc.)	15
20. Tendência para a pronominalização analógica (<u>antipatizar-se com</u> etc.)	16
IV. - O PRONOME REFLEXIVO E OS VERBOS BITRANSITIVOS	18
21. Identidade da forma reflexa nos verbos transitivos e bitransitivos	18
22. Verbos transitivos que tomam forma de bitransitivos (<u>admirar algo</u> - <u>admirar-se de algo</u> etc.)	18

23. Verbos de sentimento que por analogia assumem aspecto de bitransitivos (<u>doer-se de algo</u> etc.).....	20
24. Equivalentes semânticos de <u>servir-se</u>	21
25. Construções divergentes determinadas pela prefixação (<u>costumar fazer</u> e <u>acostumar-se a fazer</u> etc.).....	22
V. - O REFLEXIVO COMO ELEMENTO DE AFETIVIDADE24	
26. O verbo <u>ir</u> (<u>ir-se</u> , <u>ir-se embora</u>).....	24
27. <u>Ficar-se</u> , <u>descer-se</u> , <u>partir-se</u> , <u>sair-se</u> , <u>subir-se</u> , <u>trepar-se</u> , <u>vir-se</u> , <u>sumir-se</u> , <u>escapular-se</u> , <u>deixar-se</u> , <u>passar-se</u> , <u>viver-se</u> , <u>morrer-se</u> , <u>estar-se</u>	24
28. Casos em que o reflexivo altera a significação etimológica do verbo (<u>dar-se</u> = <u>acontecer</u> etc.)	27
V.(a) - O REFLEXIVO COMO ELEMENTO DE AFETIVIDADE . (Continuação)28	
29. Os verbos <u>rir</u> (<u>rir-se</u> e <u>sorrir</u> (<u>sorrir-se</u>)	28
VI. - CRUZAMENTO SINTÁTICO E CRUZAMENTO AFETIVO33	
30. Contaminação sintática.....	33
31. Influência paronímica.....	33
32. Idem sinonímica e antonímica.....	33
33. Relatividade da influência sinonímica	34
34. Cruzamento afetivo	35

Nota. - Por motivo explicável em trabalhos desta natureza, não se apresentam na ordem mais conveniente alguns dos casos estudados. Assim é que a matéria do nº 19 ficaria melhor em seguida à do nº 14; a do nº 18 depois da do nº 22; a do 28 no capítulo II ou IV (porque compreende verbos que melhor se acolhem num ou noutro e não se prendem propriamente aos de significação afetiva).

BIBLIOGRAFIA

ALBERT DAUZAT

1. Grammaire Raisonnée de la Langue Française, 3ª. edição, I.A.C., Paris,

ALEXANDRE HERCULANO

2. O Bôbo, 11ª. edição, Aillaud, Alves & Cia.
3. Eurico, o Presbítero, 20ª. edição, idem.
4. História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, 3 vols., 8ª. edição, idem.
5. Lendas e Narrativas, 2 vols., 13ª. edição, idem.
6. O Monge de Cister, 2 vols., 11ª. edição, idem, 1922.

AMADO ALONSO

7. Estudios Lingüísticos (Temas Españoles), Editorial Grodas, Madri, 1951.

ANDRÉS BELLO Y RUFINO J. CUERVO

8. Gramática de la Lengua Castellana, 5ª. edição, Editorial Glem, Buenos Aires, 1946.

ANTÔNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCÉLLOZ

9. Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Aillaud, Alves & Cia., s/d. 1900?

ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

10. Bíblia Sagrada, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, da edição aprovada em 1842 por D. Maria. II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa, 1927.

C.H.. GRANDGENT

11. Introducción al Latin Vulgar, tradução do inglês por Francisco B. de Moll, Madri, 1953. de/

CAMILO CASTELO BRANCO

12. Os Brilhantes do Brasileiro, Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa.
13. A Bruxa de Monte Córdova, idem, 4ª. edição, 1917.
14. O Demônio de Ouro, 2 vls. idem, 4ª. edição, 1918.
15. Doze Casamentos Felizes, 7ª. edição, idem, 1926
16. Livro Negro do Padre Dinis, 2 vls., 8ª. edição, idem, 1917.
17. Mistérios de Lisboa, 2º volume, . idem, idem, idem,
18. Novelas do Minho, volumes XVII e XIX, 2ª. ed., idem, 1903.
19. Onde está a Felicidade? - 8ª. edição, idem, 1919.
20. Vinte Horas de Liteira, 4ª. edição, idem, 1922.

EDOUARD BOURCIEZ

21. Éléments de Linguistique Romane, 4ª. edição, Livraria C. Klincksieck, Paris, 1946.

EDUARDO CARLOS PEREIRA

22. Gramática Expositiva, curso superior, 76a. edição, Companhia Editôra Nacional, S. Paulo.

EUCLIDES DA CUNHA

23. Os Sertões, 6a. edição, Livraria Francisco Alves, 1923.

FEDERICO HANSSSEN

24. Gramática Histórica de la Lengua Castellana, Ed. El Ateneo, Buenos Aires, 1945.

FRANCISCO FERNANDES

25. Dicionário de Verbos e Regimes, 4a. edição, Livraria do Globo, Pôrto-Alegre.

J. MAROUZEAU

- * 26. Traité de Stylistique Latine, edição "Les Belles Lettres", Paris, 1946.

LATINO COELHO

27. Cervantes, 2a. edição, Empresa Literária Fluminense, Lisboa.

28. Fornão de Magalhães, 4a. edição, idem, idem.

LUÍS DE CAMÕES

29. Os Lusíadas, 2 vls., edição anotada por Francisco de Sales Lençastre, Livraria Clássica Editôra, Lisboa, 1927.

M. RODRIGUES LAPA

- * 30. Estilística da Língua Portuguesa, edição do "Seara Nova", Lisboa, 1945.

M. SAID ALI IDA

31. Dificuldades da Língua Portuguesa, Laemmert & Cia., Rio, 1908.

32. Lexicologia do Português Histórico, Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1921.

MACHADO DE ASSIS

33. Helena, Livraria Garnier, Rio, s/d

34. Histórias da Meia-Noite, idem.

35. Memorial de Aires, idem.

36. Memórias Póstumas de Brás Cubas, idem.

37. Relíquias de Casa Velha, idem.

38. Várias Histórias, idem.

39. Dom Casmurro, W.M. Jackson Inc., 1938.

40. Histórias Românticas, idem, idem.

41. Páginas Recolhidas, idem, idem.

42. Quincas Borba, idem, 1939.

MÁRIO BARRETO

43. Através do Dicionário e da Gramática, Livraria Quaresma, Rio, 1927.
44. Cartas Persas, Livraria Garnier, Rio, 1923.
45. Novos Estudos da Língua Portuguesa, Livraria Francisco Alves, 1921.
46. Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa, idem, 1924.

MAXIMINO MACIEL

47. Gramática Descritiva, 4a. edição, Livraria Francisco Alves, 1910.

PADRE PEDRO ADRIÃO

48. Tradições Clássicas da Língua Portuguesa, edição de J. Pereira da Silva, Pôrto-Alegre, 1945.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

49. Gramática de la Lengua Española, Madri, 1931.

RUI BARBOSA

50. Réplica às defesas da redação do Código Civil, Imprensa Nacional, 1904.
51. Discursos e Conferências, Companhia Portuguesa Editora, Pôrto, 1921.
52. Antologia organizada por Luís Viana Filho, Casa de Rui Barbosa, 1953.
53. Coletânea Literária, organizada por Batista Pereira, 4a. edição, Companhia Editôra Nacional, S. Paulo, 1940.

NOTA - As seguintes obras são citadas, por economia de espaço, com os números entre parênteses, quando delas se tomam exemplos:

- (1) Andrés Bello y Rufino J. Cuervo, Gramática de la Lengua Castellana, pág. 194;
- (2) Idem, ibidem, pág. 195.
- (3) V. Berço, A Concorrência Pleonástica de Preposição com o Prefixo, 1949;
- (4) Luís Viana Filho, Antologia;
- (5) M. Rodrigues Lapa, Estilística da Língua Portuguesa;
- (6) Francisco Fernandes, Dicionário de Verbos e Regimes;
- (7) Mário Barreto, Através do Dicionário e da Gramática;
- (8) Padre Pedro Adrião, Tradições Clássicas da Língua Portuguesa;
- (9) M. Said Ali Ida, Lexeologia do Português Histórico.